

JAIME CORTESÃO

OBRAS COMPLETAS

32

Eça de Queiroz e a Questão Social

ÍNDICE
(VOLUME XXXII)

PREFÁCIO	11
I — O condicionalismo de classe e o escritor	17
II — As angústias financeiras do escritor	23
III — O escritor e a sua família literária	29
IV — Uma carta de amor de Fradique Mendes, desconhecida	37
V — A fase do historicismo e do idealismo	45
VI — Fidelidade ao socialismo	53
VII — O franciscanismo e a sua tradição em Portugal	67
VIII — «Frei Genebro» — Prólogo do «S. Cristóvão»	77
IX — O «Santo Onofre»	85
X — O amor de Cristo e o culto do Diabo	99
XI — S. Cristóvão, símbolo nacional	113
XII — S. Cristóvão, símbolo universalista	121
XIII — A caminho duma nova mística	131
XIV — Nota final	137
APÊNDICE — DOIS ARTIGOS DESCONHECIDOS DE EÇA DE QUEIROZ	139
Cartas familiares de Paris	139
Ecos de Paris	151
REGISTO BIBLIOGRÁFICO	153

EÇA DE QUEIRÓS SEGUNDO JAIME CORTESÃO

1. Nos termos genéricos em que pode iniciar-se este texto preambular, importa lembrar desde já que se há questão que domina toda a obra queirosiana, em cerca de 35 anos de vida literária, essa questão é a questão social. Evidentemente que, colocado o problema nestes termos, pouco significa a asserção enunciada, pois que, no fundo, a muitos outros escritores ela poderia convir, designadamente aos que consideramos companheiros de geração do autor d'Os Maias.

Como Eça de Queirós, também Antero e Ramalho Ortigão, Junqueiro e Oliveira Martins colocaram no centro das suas respectivas práticas culturais as questões sociais: elaboradas no plano doutrinário, em registo de ensaio com intuito pedagógico, em discurso historiográfico, em romances de análise crítica, em poesia panfletária ou em odes de inflamado visionarismo social, as práticas culturais da chamada Geração de 70 giram em torno de eixos temáticos que directamente têm que ver com a conformação da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX e com as reformas que ela requeria. E assim, da condição temporal do clero à situação da mulher, do jornalismo à política, da cultura literária romântica ao estado das escolas e do ensino, da administração da justiça à instituição militar, da emergência de um proletariado activo às fragilidades da indústria e do sistema financeiro, pode dizer-se que a Geração de 70 lançou sobre a vida social portuguesa do seu tempo o mais incisivo, crítico e abrangente olhar que alguma vez foi consagrado por um grupo de intelectuais ao seu país. De tal forma que não raro foi essa geração acoimada, por algumas vozes sisudas, de falta de patriotismo, sempre que essa visão crítica foi in-

terpretada como perturbadora de uma estabilidade mental que não devia ser afectada. Pinheiro Chagas, o «homem fatal» a que Eça se referiu, foi uma dessas vozes, mas não foi a única: mesmo no nosso século, Chagas poderia rever-se nalguns herdeiros do seu acendrado patriotismo — ou «patrioteirismo», como Eça lhe chamou, num texto célebre.

Por alguma razão, desse conjunto ilustre que foi a Geração de 70 é precisamente Eça de Queirós o autor que com nitidez continua a dar-nos um testemunho de empenhamento social extremamente sugestivo. De tal modo que o famoso tema da actualidade de Eça (muitas vezes postulada como limitativa confrontação linear de figuras e de situações, do passado e do presente) gira por sistema em torno da questão social: nos seus romances, nas suas farpas, nas suas cartas e nos seus textos polémicos, ecoa um discurso social a que o escritor ao mesmo tempo deu voz e serviu de caixa de ressonância.

2. A abordagem da questão social, tal como a encontramos analisada neste ensaio hoje clássico de Jaime Cortesão, não corresponde a uma análise convencional ou por alguma forma previsível. Pelo contrário: um dos méritos deste livro — tendo-se em conta, naturalmente, a época em que ele foi publicado — consiste em valorizar textos e componentes da produção queirosiana até então pouco visitados ou, na melhor das hipóteses, objecto de uma atenção escassamente inovadora.

Vale a pena, entretanto, recordar as circunstâncias em que foi composto este ensaio ou conjunto de ensaios, como se preferir. Foi durante o seu exílio brasileiro que Jaime Cortesão escreveu os textos que integram o presente volume, tendo como origem uma conferência, depois amplamente desenvolvida. Publicados em 1947, n'A Manhã (Rio de Janeiro), no Estado de São Paulo (São Paulo) e na Seara Nova (Lisboa), eles reuniram-se no livro de que hoje dispomos. E se é certo que o conjunto pode ressentir-se da «distância forçada» a que Cortesão se refere na «Nota Final», não é menos certo, por outro lado, que são evidentes, neste Eça de Queiroz e a Questão Social, os atributos de um discurso ensaístico que vale por si mesmo e pelas suas propriedades: indagação e tentativa interpretativa, escasso ou mesmo nulo aparato erudito, afirmação da voz do ensaísta em diálogo intenso com a palavra do escritor, com os seus temas e com os seus valores.

O conjunto de textos produzidos acaba por revelar uma unidade apreciável, o que não é a menor das suas qualidades. Factor decisivo para que se atinja essa unidade é a forma como aqui se entende e problematiza a questão social em Eça. Detenhamo-nos um pouco neste aspecto da análise assinada por Jaime Cortesão, a começar pela forma como se estrutura o seu livro.

3. No seu início, encontram-se considerações sobre o «condicionalismo de classe e o escritor», considerações que derivam para o conhecido problema das dificuldades financeiras experimentadas por Eça, praticamente ao longo de toda a vida. Depois de uma incursão pelo fradiquismo e pela sua vivência amorosa, o ensaio centra-se naquele que é o seu centro axial: a interpretação queirosiana do socialismo, progressivamente entrecruzada com o franciscanismo, com a hagiologia e com a emergência de uma «nova mística», que é aquela de que se ocupa o último capítulo do livro.

Como se vê, pouco ou nenhum tributo é devido, ao longo do estudo, às questões sociais aparentemente mais óbvias em Eça, questões que, à época em que Cortesão compôs o seu ensaio, ocupavam um lugar destacado na exegese queirosiana. Refiro-me àquela que privilegiava o realismo queirosiano, a sua crítica social e o retrato de costumes decadentes; para uma tal exegese, eram esses os aspectos mais significativos da obra queirosiana, em especial quando analisados por estudiosos da feição ideológica de António José Saraiva ou de Mário Sacramento, cujos estudos são praticamente contemporâneos do de Cortesão.

À época em que foi pensado e escrito este Eça de Queiroz e a Questão Social, isso a que hoje chamamos o último Eça não assumira ainda a relevância que presentemente lhe reconhecemos, quando valorizamos os significados temáticos e formais do fradiquismo (em que, contudo, António José Saraiva fizera uma incursão fundadora, no seu As Ideias de Eça de Queirós), de um romance como A Cidade e as Serras ou da revisão ideológica do Positivismo. Do mesmo modo, os santos e a santidade contemplados em contos e sobretudo nas pós-tumas Lendas de Santos permaneciam num segundo plano; um injusto segundo plano de onde o estudo de Jaime Cortesão veio retirá-los.

4. *A figura de S. Cristóvão é o eixo em torno do qual gira o ensaio de Jaime Cortesão.*

É a partir do santo e do pensamento social dele deduzido que se problematiza a fé religiosa, em termos muito distanciados do anticlericalismo queirosiano dos anos 70 e ainda 80: em termos que Jaime Cortesão relaciona com o reajustamento das condições de classe de Eça, como reclassement inspirado no casamento, mas também noutros factores. Alguns desses factores: o artificialismo e a decadência que, para Eça, marcavam a arte finissecular, bem como uma outra decadência, que era a da pátria portuguesa, atestada no humilhante episódio do Ultimato inglês.

Num tal contexto, Jaime Cortesão sublinha o significado, por um lado, da renovação idealista da filosofia (na resaca da crise ideológica do Positivismo) e, por outro lado, de um certo alargamento do conceito de religião, com extensão ao plano da praxis política. Para isso contribuem personalidades como Paul Sabatier, cuja biografia de S. Francisco de Assis, publicada em 1893, conheceu enorme difusão, ou o papa Leão XIII, que ao seu pontificado incutiu a dinâmica interventiva que é conhecida, afirmando a magistratura social da Igreja. Vale a pena lembrar que é logo depois da encíclica Rerum Novarum (1891) e no mesmo ano da biografia consagrada por Sabatier a S. Francisco de Assis que Eça publica «Positivismo e Idealismo» (1893), texto em que expressamente declara, quase a terminar: «Nunca mais ninguém, é certo, tendo fixo sobre si o olho rutilante e irónico da ciência, ousará acreditar que, das feridas que o cilício abria sobre o corpo de S. Francisco de Assis, brotavam rosas de divina fragrância. Mas também, nunca mais ninguém, com medo da ciência e das repreensões da fisiologia, duvidará em ir respirar, pela imaginação, e se for possível colher, as rosas brotadas do sangue do santo incomparável.»

Este é, pois, para Eça e para o seu tempo, um momento de mudança. Segundo Cortesão, o degelo espiritual que favorece essa mudança em Eça começara entre 1885 e 1888, época do reaparecimento de Fradique, quando a fidelidade ao socialismo se ia tornando um imperativo moral, cruzado com a revivescência dos mais puros e altruístas valores cristãos; daí o conceito de socialismo cristão, entendido como atitude ideológica fundamental no último Eça, permitindo a Jaime Cor-

tesão afirmar, no final do capítulo VII deste livro: «Eça [...] viu na santidade franciscana a sublimação do socialismo e transformou uma tradição nacional em visão cosmopolita do futuro.»

A génese e escrita do relato S. Cristóvão (que surge, segundo Cortesão, entre 1894 e 1897) são parte integrante e nuclear da resposta queirosiana à questão social. Ao mesmo tempo, a mensagem espiritual do santo e as suas afinidades franciscanas não se confundem com a esterilidade de uma ascese divorciada da questão social. Em alternativa actuante a essa ascese, afirma-se uma nova mística, fundada nas qualidades do Cristianismo e na lição de Cristo; o franciscanismo permite fazer a passagem de Cristo à Natureza e proclamar uma mensagem evangélica feita de pragmatismo, de tolerância e de abdicação do eu, na linha do tolstoísmo e antecipando-se ao pensamento e à acção de Gandhi. Como quem diz: conjugando o ideal religioso com a santidade civil.

5. No conjunto da obra de Jaime Cortesão, o estudo Eça de Queiroz e a Questão Social constitui uma incursão extremamente fecunda no campo do ensaísmo literário.

A dimensão intelectual e cultural de Jaime Cortesão é a de uma figura de estatura invulgar, dotada, para mais, de uma extraordinária capacidade para cultivar diversos géneros e actividades: poeta e dramaturgo, historiador eminente e pedagogo, Jaime Cortesão integrou algumas das mais relevantes empresas da cultura portuguesa do século XX, do movimento d'A Águia e da «Renascença Portuguesa», à fundação da Seara Nova e à participação no grupo da Biblioteca Nacional, instituição de que foi director por cerca de oito anos. Militante republicano e cidadão empenhado, Jaime Cortesão foi adversário do regime do Estado Novo e conheceu, por isso, a experiência do exílio por longos anos, em Espanha, França e Brasil, país este em que escreveu os textos que neste volume se congregam sob o título Eça de Queiroz e a Questão Social.

Se outras qualidades não houvesse neste estudo, haveria que destacar nele, em termos globais e praticamente conclusivos, o equilíbrio com que o autor articula os três vectores fundamentais em que se sustenta a sua leitura de Eça: o conhecimento ponderado da biografia queirosiana, o domínio da his-

tória das ideias dos finais do século XIX e as qualidades do ensaísta dotado de extraordinária intuição exegética e de apreciável capacidade de síntese.

É essa capacidade de síntese que, por fim, permite a Jaime Cortesão fixar, com aguda penetração, as qualidades mestras do grande escritor que foi Eça de Queirós: a sensibilidade de super-sensual que em Eça se evidencia, a atenta orientação para as grandes preocupações do seu tempo, a fidalguia moral e uma suprema capacidade criativa que lhe permitiu «traduzir por forma nova as impressões recebidas». Tudo isso «e, conjuntamente, um Eça muito português: sensualista, antes que realista; idealista, antes que romântico; cordial e irónico; possesso de inquietação, sempre à busca de horizontes novos; e irremediavelmente guiado por um ideal cavalheiresco, como esses velhos fidalgos, que caem na miséria, mas permanecem inadaptáveis às objectividades utilitárias da vida».

Este o Eça revelado por Jaime Cortesão nas páginas admiráveis deste livro; este o Eça que não cessa de nos surpreender e de nos fascinar.

CARLOS REIS